



Alguns ganham o pão com trabalhos para os partidos e candidatos. Outros fazem por amor ou ideologia

Cabo eleitoral. *Bico?* Emprego? Ou idealismo?

TARCISIO NEVES
Editoria de Política

Sair pelas ruas pregando cartazes nas paredes, pintando muros, subindo em postes, distribuindo posters e vendendo brochinhos para colocar em camisetas, não é atividade fácil para os neófitos da política brasileira. Mas nesta tarefa muitas vezes exaustiva e sem perspectivas de lucros, há os que acreditam nas propostas do seu candidato, na honradez do homem e na sua personalidade.

É o que ocorre, por exemplo, com o jovem estudante Deusdedit Júnior, aluno do curso de história do CEUB, que desistiu de um estágio na área de arquivo histórico a ser feito na Funai, para trabalhar intensamente na campanha do PT. Os passos de Deusdedit foram seguidos por Cláudia, que foi acompanhada por Ivo Martins e Jorge Henrique, todos vendendo brochinhos no centro da cidade para ajudar o candidato Orlando Cariello, que disputa uma vaga na Câmara Federal pelo partido.

— Nós não estamos ganhando nada — diz Deusdedit —, e resolvemos desistir do estágio porque acreditamos nas propostas do PT e do nosso candidato. Acho que estamos caminhando para um assunto muito sério que é a Constituinte, e o povo tem responsabilidade nisto. Por isto, estamos nos dedicando com afinco à campanha, desinteressados de qualquer retorno financeiro.

O mesmo acontece com Marília Simão, uma jovem de 17 anos. Juntamente com o irmão, Maurício Alberto, acompanha o pai, Alberto Simão, na campanha da candidata Márcia Kubitschek (PMDB). Ela cuida da recepção no comitê central, o irmão prega cartazes, além de desempenhar outras tarefas, enquanto o pai cuida do transporte.

Segundo Marília, os três estão engajados na campanha por simpatia e amor à candidata, já que seu pai foi um dos milhares de nordestinos que trabalharam ao lado de Juscelino Kubitschek na construção de Brasília. Sem ganhar ao menos um tostão para se dedicar à Márcia, ela garante que todos estão satisfeitos, simplesmente "porque ela merece". "Sendo filha do grande homem que foi Juscelino, nós não poderíamos deixar de trabalhar ao lado dela. Não conheci o Presidente mas o meu pai sempre me falou da sua grandeza".

O mesmo exemplo é seguido por Wilson Andrade Neto, que trabalha no comitê de Márcia, localizado no Conjunto Baracat. Wil-



son diz que seu pai, Joaquim Cristiano Neto, deixou São Paulo em 1959 e veio trabalhar com Juscelino na construção da cidade.

— Temos muitos colaboradores na campanha da Márcia e a minha família não poderia ficar de fora, uma vez que o meu pai acompanhou o Presidente desde os anos 60, explicou.

Satisfeitos com a dedicação do pessoal que trabalha apenas por amor, os candidatos estão procurando aproveitar o máximo. Mas há os que não estão satisfeitos, decepcionados antecipadamente com o candidato, como aconteceu no comitê do candidato peemedebista Francisco Carneiro. "Nós aqui não queremos falar" — disse uma moça, irritada.

Ao contrário dos insatisfeitos, o comitê do candidato Antonio Bispo, candidato a deputado (PN), ganhou um reforço inesperado. Bispo, é um candidato pobre, não teve condições de mandar confeccionar car-

tazes. Segundo revelou, os seus amigos se cotizaram e mandaram imprimir 100 mil santinhos para serem distribuídos.

O grande reforço que ele conquistou, no entanto, foi a adesão de 100 famílias distribuídas pelo Gama, Cellândia e Plano Piloto, que prometeram todas a dedicação neste final de campanha. Até mesmo um velho amigo, Ernest Saraiva, que veio do Rio de Janeiro para passar apenas um mês, resolveu ficar para ajudá-lo na campanha.

Já o pintor Manoel Machado, profissional que precisa trabalhar para sustentar a família, faz da campanha o seu "ganhapão" e fatura Cz\$ 6000,00 por mês, trabalhando para Maurício Corrêa, candidato ao Senado pelo PDT. Manoel pinta letreiros nos carros e abre faixas durante o dia inteiro. Ainda ontem, ele estava pintando um caminhão onde figura os nomes de Maurício Corrêa, Hélio Doyle, Fragmar Diniz, Benício Tavares, Alceu

Sanches e Aidano Faria.

No comitê de Aref Assreuy, fazendo questão de afirmar que não estavam ganhando nada para trabalhar na campanha do candidato a Senador (PDS), três moças se empenhavam no final da tarde, num cansativo trabalho de organizar as correspondências — uma pilha espalhada sobre a mesa. Armênia Ribeiro disse que está trabalhando porque acredita nas propostas de Aref. Mariana Nunes comentou que Assreuy é um homem que não vem fazendo promessas mirabolantes: "Sua campanha é sincera com o povo". E Laura Leite, responsável pela colocação dos endereços nos envelopes, seguiu o mesmo caminho das outras, garantindo que "vale a pena trabalhar pelo candidato".

Além das eficientes meninas, Aref conta com uma organizada assessoria, composta por Márcio Mafra (candidato a suplente), César Filho e Germano Carlos, um carioca que veio de Maricá, para trabalhar na campanha do amigo.

Utilizando 50 carros e um pequeno exército de 450 pessoas, Aref vem conseguindo realizar sua campanha também com a ajuda dos amigos, já que alega, "não tem dinheiro para gastar". Para Germano, "Aref forma num partido de direita, mas tem idéias progressistas, como a proposta de aposentadoria para as mães".

O candidato Meira Filho, um nordestino que se dedicou ao rádio durante toda a sua vida, segundo faz questão de ressaltar, vem sendo simplesmente ajudado. Em seu comitê mais de 100 moças trabalham diariamente dando toda a cobertura que o candidato necessita, desde o trato cordial com os eleitores, até a distribuição de carazes, reuniões em comícios etc. Lillian Assunção e Gilene Barreto são duas das mais dedicadas entre as mais de 100 integradas à campanha. Elas garantem contudo, que não recebem nenhuma recompensa financeira e que estão satisfeitas em trabalhar para o candidato, "um homem bastante conhecido, honesto e trabalhador".

Na campanha de Antonio Venâncio, muitos também têm se dedicado pela amizade e solidariedade. São amigos que o conhecem desde o início da fundação da cidade, segundo garantiu Venâncio, seu filho. Ele afirmou que o trabalho que vem sendo feito junto às comunidades é com o objetivo de resolver o problema crucial que existe em Brasília, que é a fome e a miséria.

Candidatos ricos contratam todos os serviços de que vão necessitar durante a campanha. Os pobres não contratam. Fazem eles mesmos ou não fazem

